

Entre a psicologia experimental e a estética: Sulzer, Herder e Moritz

MARIO SPEZZAPRIA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Com a introdução da *psicologia empírica* no interior de seu próprio sistema filosófico na primeira metade do século dezoito, Christian Wolff (1679-1754) tinha afirmado a exigência de prestar uma particular atenção para o mundo da interioridade humana, percebido ainda como fortemente desconhecido em comparação ao ambiente físico-natural. O complexo conjunto de sentimentos, sensações, sonhos, traumas, desejos aparecia como um território ainda em grande parte disponível para a extensão dos nossos conhecimentos. A *nova* disciplina era apresentada como uma reflexão a partir do que era passível de conhecimento por meio da *experiência* (*Erfahrung*), ao passo que a *psicologia racional* se ocupava de tudo o que era racionalmente deduzível, a partir dos conceitos da alma e dos seus atributos. Como obras autônomas, as duas psicologias foram publicadas nos anos 30, mas a divisão da matéria psicológica em dois âmbitos distintos já estava de fato presente nos *Pensamentos racionais sobre Deus, mundo e alma, bem como sobre todas as coisas em geral* de 1719.

Quanto a relevância concedida aos dados observados na *Erfahrung*, no *Discurso preliminar sobre a filosofia em geral* (1728) o filósofo de Breslavia tinha sustentado a tese de que o ponto de partida de todo o nosso conhecimento fosse aquele âmbito experiencial que ele então chamava de “conhecimento histórico” (Wolff, 2006, p. 1-7). Seja na tripartição do nosso conhecimento em histórico

(conhecimento dos fatos), filosófico (conhecimento das razões) e matemático (conhecimento das quantidades), seja na divisão da psicologia em empírica e racional, Wolff inspirava-se em um paradigma epistemológico que derivava da física *experimental* e da astronomia: era preciso alcançar aquele grau de compreensão que Newton e Kepler tinham conseguido obter sobre a natureza física e o funcionamento dos corpos naturais e celestes também para as faculdades “espirituais” (pensamento, imaginação, desejo, memória) do homem.¹

É importante ressaltar que, não obstante a forte dimensão inovadora do ponto de vista metodológico, a doutrina da alma wolffiana em si não afetava o pressuposto da distinção metafísica entre o corpo e a alma; assim, a questão da “comunicação” e inter-relação entre elas permanecia um dos temas principais de grande parte da antropologia médica alemã da segunda metade do século dezoito,² influenciada pela obra do Wolff. Como dirá o filósofo, teólogo e teórico da arte suíço Johann Georg Sulzer (1720-1779) na segunda edição do *Breve compêndio de todas as ciências* (1759) – uma exposição sistemática das disciplinas filosóficas – a propósito dos desenvolvimentos da psicologia wolffiana, “... ainda há muito a ser ressaltado sobre a harmonia entre os estados do corpo e da alma, que merecem a maior atenção”. (Sulzer, 2014, p. 142)

A investigação *a posteriori* sobre os modos de funcionamento das faculdades da alma e sobre suas inter-relações não era apenas um fim em si mesmo; além de ser objeto do interesse de filósofos, médicos e “antropólogos”, ela contribuía para a formação de um âmbito disciplinar – a estética³ – que incluía tanto a análise gnosiológica das ditas “faculdades inferiores” (a “gnosilogia inferior”,

¹ “... a psicologia empírica [*empirische Psychologie*] corresponde à física experimental [*experimentelle Physik*], e portanto faz parte da filosofia experimental [*experimentelle Philosophie*].” *Ibid.*, §III (*Grundlage und Definition der empirischen Psychologie*, p. 64).

² Sobre este argumento, bastante articulado, veja-se por exemplo os artigos reunidos na seguinte coletânea: ZELLE, C. ‘Vernünftige Ärzte’. Hallesche Psychomediziner und die Anfänge der Anthropologie in der deutschsprachigen Frühaufklärung. Tübingen: Niemeyer, 2001.

³ Como é notório, o termo “estética” foi cunhado por Baumgarten; todavia, uma reflexão sobre a relação sobre o prazer “heurístico” para as novas descobertas já estava presente no pensamento wolffiano: BUCHENAU, S. *The Founding of Aesthetics in the German Enlightenment: The Art of Invention and the Invention of Art*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, pp. 53-65.

que compreendia os sentidos, imaginação, fantasia, memória) como as reflexões sobre a natureza e o significado das belas-artes. Assim Sulzer a definia na *Teoria geral das belas-artes* (1771-1774), o seu famoso *Lexikon* em vários volumes:

A filosofia das belas-artes, ou seja, a ciência que da natureza do gosto deriva tanto a teoria geral quanto as regras das belas-artes. A palavra significa propriamente a ciência das sensações [*Empfindungen*], que em língua grega são chamadas de *Aisthesis*. O fim principal [*Hauptabsicht*] das belas-artes é suscitar um vivo sentimento [*lebhaftes Gefühl*] da verdade e do bem, por isso a teoria delas tem que ser fundada na teoria dos conhecimentos obscuros [*undeutliche Erkenntnisse*] e das sensações [*Empfindungen*]. (Sulzer, 1994, p. 47)⁴

Dessa maneira, Sulzer reconhecia o fato de que na segunda metade do século dezoito, a estética alemã (representada por Sulzer, Mendelssohn, Meier, Herder, Moritz, entre outros) não só reconhecia a própria origem nas reflexões e nos temas da psicologia empírica wolffiana (retomados e reelaborados no interior da *Metafísica* de Alexander Gottlieb Baumgarten), mas continuava tendo estritos contatos com estes temas, podendo ser reconhecida em vários de seus aspectos como uma continuação e um desenvolvimento dela. Na edição do *Breve compêndio* de 1745, Sulzer tinha acolhido com entusiasmo as novidades no plano sistemático e metodológico da *empirische Psychologie*, definida por ele como uma *física experimental da alma* (*Experimentalphysik der Seele*).⁵ Em pelo menos dois aspectos essenciais, a filosofia sulzeriana mantinha-se fiel à impostação wolffiana: em considerar que os desenvolvimentos (*Erweiterungen*) da psicologia *experimental/experiencial* tinham que ser colocados no quadro do círculo virtu-

⁴ E no verbete *Ästhetisch*: “A propriedade de uma coisa, pela qual esta se torna um objeto do sentimento [*Gegenstand des Gefühls*], e portanto apta a ser utilizada nas obras das belas-artes. [...] À matéria estética pertence tudo o que pode suscitar uma sensação [*Empfindung*] que dirija a atenção da alma sobre si mesma [*Aufmerksamkeit der Seele an sich*]. Estas sensações [*Empfindungen*] não podem todavia ser causadas sem a ativa participação da alma [*ohne selbsttätige Mitwirksamkeit*].” *Ibid.*, p. 59.

⁵ Sulzer, 2014, p. 140.

oso – heurísticamente produtivo – das observações, experiências e experimentos, acrescidos de reflexões teóricas, uma prática que tantos resultados positivos ensejou no âmbito das ciências físico-naturais; e em manter a distinção entre a esfera das capacidades *intelectuais* e aquela das faculdades sensíveis do homem, embora estas duas agissem em continuidade (assim como demonstrado pela interação dos momentos *a priori* e *a posteriori* nas teorias e práxis científicas newtonianas). Transferida no interior da teoria da arte, a distinção entre *conhecer* (*erkennen*) e sentir (*empfinden*) tinha um papel essencial na elaboração da assimida estética “do efeito” (*Wirkungsästhetik*), na qual era conferido ampla ênfase às potencialidades pedagógico-morais das obras de arte, a partir do estudo dos *efeitos* (as sensações prazerosas) que elas podiam suscitar nos espectadores. Este fato motivava a importância de chegar a uma maior consciência dos mecanismos e dos funcionamentos das *Empfindungen*, o mar de sensações presentes na profundidade do *fundus animae* (*Baumgarten*) que, embora indistintas e confusas, tinham a especial qualidade de ser extraordinariamente poderosas, incisivas em mover o homem para a ação.⁶ Segundo Sulzer, moral e estética têm ambas uma origem fisiológica: os homens sentem *prazer* para o que é belo e bom, são atraídos por estas sensações prazerosas e tendem a replicá-las, ao passo que sentem aversão do feio e do mal:

Um prazer [*Genuss des Vergnügens*] frequentemente repetido para o belo e o bom, o desejo [*Begierde*] deles e uma impressão contrária, provocada em nós pelo feio e pelo mal, provoca a aversão [*Widerwillen*] a tudo o que contrarie a ordem moral [*sittliche Ordnung*]. Por meio deste desejo [*Begierde*] e desta antipatia [*Abneigung*], o homem é estimulado [*gereizt*] para a nobre atividade que opera incessantemente para a promoção do bem [*Beförderung des Guten*] e a inibição do mal [*Hemmung des Bösen*]. As belas-artes podem ter estes efeitos saudáveis [*heilsame Wirkungen*], cuja tarefa

⁶ Sobre este aspecto do pensamento estético sulzeriano, remeto ao ensaio introdutório de Alessandro Nannini à tradução italiana de uma seleção de verbetes da *Allgemeine Theorie*: NANNINI, A. Johann Georg Sulzer: le belle arti e la formazione dell'uomo. In: SULZER, J. G. *Teoria generale delle Belle-Arti*. A cura di Alessandro Nannini, presentazione di Fernando Bollino. Bologna: CLEUB, 2011, pp. XV-LXXXIV.

autêntica é despertar um sentimento vivo [*lebhaftes Gefühl*] para o belo e o bom, e uma intensa antipatia [*starke Abneigung*] para o feio e o mal. (Sulzer, 1994, p. XIII)

A partir deste quadro de mútua interação entre psicologia “experiencial”, moral e estética “dos efeitos”, entende-se o interesse de Sulzer a investigar mais a fundo os papéis e as características daquelas que aparecem a ele como duas “faculdades primitivas” e essenciais, conhecer (“representar-se algo”) e *sentir*. A este tema ele tinha dedicado em 1763 um ensaio intitulado *Notas sobre o diferente estado no qual a alma se encontra em exercer as próprias faculdades principais, ou seja, aquela de representar-se algo e aquela de sentir* (Id., 1974, p. 244-281); a esta obra se relacionava o famoso concurso de 1773 da *Academia das ciências* de Berlim, cujo texto recitava:

A alma possui duas faculdades primitivas que formam a base de todas suas operações: a faculdade de conhecer e a faculdade de sentir. Ao exercer a primeira, a alma é ocupada por um objeto que ela considera como uma coisa fora dela, pela qual ela tem curiosidade: sua atividade parece então tender apenas para ver bem [*bien voir*]. Exercitando a outra, ela se ocupa dela mesma e do seu estado, sendo afetada bem ou mal. Portanto sua atividade parece unicamente determinada a mudar de estado, quando ela se encontra afetada desagradavelmente, ou a se alegrar [*jouir*], quando ela está afetada prazerosamente.

Pressuposto isto, requer-se:

- 1) um desenvolvimento preciso das determinações originárias destas duas faculdades e das leis gerais que elas seguem.
- 2) um exame aprofundado da dependência recíproca destas faculdades e da maneira como uma influencia a outra.
- 3) alguns princípios que sirvam a mostrar como o gênio e o caráter de um homem dependem do grau de força, da vivacidade e dos progressos de uma e de outra destas faculdades, e da proporção que há entre elas. (Vários, 1776, p. 9-10)

O concurso berlinense foi ganho pelo filósofo e teólogo Johann August Eberhard (1739-1809) com a obra *Teoria geral do pensamento e da sensibilidade*⁷ (1776), cuja impostação geral mantinha-se fiel aos pressupostos que animavam o edital. Do concurso tinha participado também Johann Gottfried Herder (1744-1803), com um texto intitulado *Sobre o conhecer e sentir da alma humana*⁸ (1774-1778), com o qual ele se colocava em posição polêmica a respeito da possibilidade de separar distintamente a esfera lógico-teorética da esfera sensível. A contribuição herderiana visava evidentemente se apresentar como original e inovadora: Herder, insistindo no lado fisiológico e orgânico da força viva *lebendiger Kraft*, criticava explicitamente a doutrina da harmonia preestabelecida entre corpo e alma⁹. Em virtude da própria impostação continuísta e panteísta (o inteiro mundo orgânico era entendido como uma única “constelação” de forças), ao filósofo, teólogo

⁷ EBERHARD, J. A. *Allgemeine Theorie des Denkens und Empfindens*. Berlin: Voss, 1776.

⁸ HERDER, J. G. *Vom Erkennen und Empfinden der menschlichen Seele. Bemerkungen und Träume*, Hartknoch 1778. Para algumas informações introdutórias sobre a gênese deste texto, em relação ao concurso, veja: MARELLI, F. Nota al saggio di Herder *Sul conoscere e il sentire dell'anima umana. Aisthesis. Pratiche, linguaggi e saperi dell'estetico*. Anno II, numero 1 (2009), pp. 95-97.

⁹ “Em absoluto, nada da natureza é separado [*geschieden*], tudo flui [*fließt*] através e por meio de passagens imperceptíveis [*unmerkliche Übergänge*]; e, certamente, o que na criação é vida [*Leben*], é também, quaisquer que sejam suas figuras [*Gestalten*], suas formas [*Formen*] e seus canais [*Kanälen*], um espírito só [*ein Geist*], uma chama só, [*eine Flamme*]. Em particular, o sistema da harmonia preestabelecida teria que ter ficado alheio ao grande inventor do poema das mônadas, já que me parece que as duas coisas não podem coexistir bem uma com a outra.” HERDER J. G. *Von Erkennen und Empfinden der menschlichen Seele. Bemerkungen und Träume*. In: *Werke*, vol. 4, *Schriften zu Philosophie, Literatur, Kunst und Altertum*, herausgegeben von J. Brummack e M. Bollacher. Frankfurt a.M.: Deutscher Klassiker Verlag, 1994, p. 338. “Fantasiouse sobre a ‘origem das almas humanas’ como se elas tivessem uma natureza mecânica e fossem realmente feitas de cola e lama. As almas jaziam já pré-formadas na lua, no limbo, e aguardavam, nuas e frias, suas capas, relógios, ou vestidos a elas destinados, ou seja, os corpos ainda privados de forma; quando a capa, o vestido e os relógios estão prontos, a mísera, tão longe inativa, alma habitante, lhe é juntada mecanicamente, de modo que ela se encontre apenas ao lado do corpo e não exercite alguma ação nele, pelo contrario, em maneira harmonicamente preestabelecida saiba tecer autonomamente pensamentos por si, assim como ela fazia lá no limbo, de maneira que o relógio do corpo bata sincronicamente com ela. Talvez não se tenha nada para dizer sobre a antinatural insuficiência deste sistema, e, além disso, consigo com fadiga pensar sobre quais princípios ele possa se fundar.” *Ibid.*, p. 336.

e literato alemão não pareciam concebíveis duas substâncias completamente separadas e subsistentes em si mesmas; conseqüentemente, a relação entre elas não constituía um problema, e tinha que ser entendida como um dado de fato. Do pensamento leibniziano, ele parecia de preferência interessado na recuperação da ideia das mônadas como centros de forças. Insistindo sobre a origem e a natureza fisiológica dos movimentos da alma (“abismo de forças obscuras interiores” *Abgrund innerer dunkeln Kräfte*, “omnipotência orgânica” *organische Allmacht*, “estímulo inexaurível” *unerschöpflicher Reize*)(Herder, 1994, p. 332), a rígida distinção “sulzeriana” entre *Erkennung* e *Empfindung* era dissolvida e tendia à perda de significação. O fenômeno fundamental e originário da “força viva” se apresentava aos olhos do Herder como um *primum*¹⁰ não ulteriormente explicável:

Um jogo mecânico ou sobre-mecânico [*übermechanisch*] de expansão e contração diria pouco ou nada, se já não fosse pressuposta internamente ou externamente a causa [*Ursache*] dele, “estímulo, vida” [*Reiz, Leben*]. O criador deve ter estabelecido uma conexão espiritual [*geistiges Band*] de maneira que determinadas coisas sejam similares a uma parte sensível [*empfindenden Teil*], outras sejam contrárias a ela; uma conexão que não depende de nenhuma mecânica, que não pode ser explicada reconduzindo-a a outra coisa, mas que deve ser acreditada [*geglaubt*], já que ela está ali e se mostra em centenas de milhares de fenômenos [*Erscheinungen*] (*Ibid.*, p. 334-335).¹¹

A certeza da ação dos estímulos das forças orgânicas e fisiológicas não era co-

¹⁰ “Com isso, não digo de *explícitar* [*erkläre*] algo; ainda não conheci alguma filosofia que explique o que é a força e como se produz em um ou dois seres. O que a filosofia faz é *observar* [*bemerken*], *classificar* [*unter einander ordnen*], *esclarecer* [*erläutern*]; depois disso, ela sempre *pressupõe* [*voraussetzt*] força [*Kraft*], estímulo [*Reiz*] e efetividade [*Wirkung*].” Herder, 1994, p. 337-338.

¹¹ Nota-se uma certa ambigüidade no discurso herderiano, que por um lado afirma a inutilidade da tese da harmonia preestabelecida, mas por outro lado recorre a Deus criador como fiador da unidade espiritual da vida orgânica.

nhecível racionalmente, mas se afirmava em uma forma de “autoconsciência sensível” para a força viva:

o estímulo, [*Reiz*] deve ser também acreditado [*geglaubt*], ou seja, vivenciado [*erfahren*], sentido [*empfunden*], e foge dos discursos genéricos e confusos [*jedes allgemeine Wortgekrum*], assim como de cada previsão abstrata [*abstrakte Vorhersehen*]. (*Ibid.*, p. 334)

Consequentemente a estas posições, o texto herderiano visava apresentar-se como fortemente inovador não apenas a respeito dos principais pilares da estética e da psicologia sulzerianas, mas também em relação à mesma pretensão wolffiana de poder operar uma dúplice exposição da doutrina da alma. Na convenção de que *conhecer* e *sentir* correspondessem de fato a um único ato e se equivalessem, Herder sustentava a tese de que o (auto-)conhecimento da alma humana precisava ser renovado de maneira *fisiológica*, e o momento da “observação” ser resolvido no ato da *Selbstgefühl* da faculdade da *Empfindung*:

Na minha modesta opinião, não é possível alguma psicologia [*Psychologie*] que não seja, a cada momento, uma determinada fisiologia [*Physiologie*]. A obra fisiológica do Halle, elevada à psicologia e vivificada [*mit Geist belebt*], como a estatua do Pigmalião. Apenas então podemos dizer algo sobre pensar [*Denken*] e sentir [*Empfinden*]. Conheço apenas três estradas que poderiam conduzir até lá: anotações biográficas [*Lebensbeschreibungen*], observações de médicos e amigos [*Bemerkungen der Ärzte und Freunde*], predições de poetas [*Weissagungen der Dichter*]; apenas estas podem providenciar material para a autêntica doutrina da alma [*zur wahren Seelenlehre*]. (*Ibid.*, p. 340)

Herder nos indica algumas direções que as instâncias presentes na psicologia empírica wolffiana de fato tomavam naqueles anos na Alemanha, muito para além dos limites do perímetro da reflexão teórico-sistemática. O jovem escritor, ensaísta e jornalista Karl Philipp Moritz (1756-1793), por exemplo, acolhera estas solicitações em vários sentidos; autor de dois romances psicológicos, biográficos e “de formação”, o *Anton Reiser: ein psychologischer Roman* (1785-1786)

e o *Andreas Hartknopf: eine Allegorie* (1785), Moritz foi o editor da *Magazin zur Erfahrungs-Seelenkunde* (1783-1793), uma inovadora revista que se propunha exclusivamente a publicação das “simples” contribuições dos leitores: relatos de sonhos, lembranças dos anos da infância, traumas pessoais etc., uma sorte de grande coletânea das experiências individuais dos leitores, as observações dos meros “fatos” empíricos da alma. Também em relação ao desenvolvimento das reflexões psicológicas para a estética, Moritz retomava a sobreposição/identificação herderiana entre *conhecer* e *sentir*; tema que, de fato, estava já potencialmente implícito nas pressuposições mesmas da psicologia “*experimental*”, porque já no caso da observação “*factiva*” do mundo interior da alma humana (auto-introspeção), encontramos-nos diante da situação particular na qual o objeto observado e o sujeito observador não estão separados, sendo as *Empfindungen* ao mesmo tempo fenômenos e modos do conhecimento. No que diz no específico respeito à estética, esta nova consciência implicava uma maior atenção para as *experiências diretas de fruição do belo* frente à obra de arte; neste sentido, as ideias herderianas convergiam com as teses winckelmannianas sobre a centralidade da análise do objeto artístico para sua correta compreensão e para a formação do gosto, exigência que fez Moritz viajar para Roma nos anos 1786-1788, visando sua própria formação como docente de história da arte e antiguidade na *Academia das Belas-artes* de Berlim (Moritz, 2008). Assim, o próprio Moritz – que em 1785 com o artigo *Sobre o conceito de acabado em si mesmo* tinha feito um importante passo em direção da afirmação da autonomia estética da obra de arte, com a exclusão de qualquer papel no surgimento do sentimento do belo para os princípios do “útil” e do “prazer”- no pequeno ensaio *Sobre a imitação formadora do belo* (1788) fazia recurso extensamente ao conceito de força ativa (*Tatkraft*) do gênio criador, como estímulo (*Reiz*) inexaurível para criação de novas belas obras de arte, reconhecendo no homem-artista a capacidade de transformar suas sensações frente ao belo em impulso vivo para se tornar, a sua própria vez, criador. Dessa maneira, Moritz não só aceitava a sobreposição herderiana entre *Erkennen* e *Empfinden*, mas ressaltava o poder *ativo* que a atenção (*Aufmerksamkeit*) para as próprias *sensações* tinha. Ele manifestava ao mesmo tempo, como Herder, uma posição crítica em relação a uma concepção “heterônoma” da arte, como era aquela sulzeriana – na qual o valor estético do objeto

artístico era explicado graças ao recurso aos mecanismos de atração/repulsão e às sensações de prazer/desprazer – e chamava a atenção para uma ampliação da especulação estética, agregando em uma única reflexão elementos da teoria do gosto e da teoria do gênio.

Referências bibliográficas

- BUCHENAU, S. *The Founding of Aesthetics in the German Enlightenment: The Art of Invention and the Invention of Art*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, pp. 53-65.
- EBERHARD, J. A. *Allgemeine Theorie des Denkens und Empfindens*. Berlin: Voss, 1776.
- HERDER J. G. *Sul conoscere e sentire dell'anima umana. Osservazioni e sogni*. Traduzione a cura di Francesca Marelli. *Aisthesis. Pratiche, linguaggi e saperi dell'estetico*. Anno II, numero 1 (2009), pp. 99-129. Online: <http://www.fupress.net>
- _____. *Von Erkennen und Empfinden der menschlichen Seele. Bemerkungen und Träume*. In: *Werke*, vol. 4, *Schriften zu Philosophie, Literatur, Kunst und Altertum*, herausgegeben von J. Brummack e M. Bollacher. Frankfurt a.M.: Deutscher Klassiker Verlag, 1994, pp. 329-393.
- MAGGIORE, V. *Il corpo come strumento della sensibilità: riflessioni sul conoscere e sentire fra estetica e fisiologia*. *Studi di estetica*, anno XLIV, serie 1/2006, pp. 85-105.
- MARELLI, F. *Nota al saggio di Herder Sul conoscere e il sentire dell'anima umana*. *Aisthesis. Pratiche, linguaggi e saperi dell'estetico*. Anno II, numero 1 (2009), pp. 95-97. Online: <http://www.fupress.net>
- _____. Una fisica dell'anima. *Estetica e Antropologia* in J. G. Herder. Milano: Mimesis, 2012.
- MORITZ, K. P. *Viagem de um alemão à Itália. 1786-1788 (terceira parte): nas cartas de Karl Philipp Moritz*. Tradução, introdução e notas de Oliver Tolle. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial, 2008.
- NANNINI, A. *Johann Georg Sulzer: le belle arti e la formazione dell'uomo*. In: SULZER J. G. *Teoria generale delle Belle-Arti*. A cura di Alessandro Nannini, presentazione di Fernando Bollino. Bologna: CLEUB, 2011, pp. XV-LXXXIV.

- SULZER, J. G. *Allgemeine Theorie der schönen Künste. Nachdruck der Ausgabe Leipzig 1792. Mit einer Einleitung von Giorgio Tonelli.* Hildesheim, Zürich, New York: Georg Olms, 1994.
- _____. *Anmerkungen über den verschiedenen Zustand, worin sich die Seele bei Ausübung ihrer Hauptvermögen, nämlich des Vermögens, sich etwas vorzustellen, und des Vermögens zu empfinden, befindet.* *Vermischte philosophische Schriften.* Hildesheim-New York: Georg Olms, 1974, pp. 244-281.
- _____. *Kurzer Begriff aller Wissenschaften. Erste (1745) und zweite (1759) Auflage.* Herausgegeben von Hans Adler. Mit einem Beitrag zu Leben und Werk J. G. Sulzers von Elisabeth Décultot. Basel: Schwabe Verlag, 2014.
- VARIOS. *Histoire de l'Académie Royale des Sciences et Belles-Lettres.* In: *Nouveaux mémoires de l'Académie Royale des Sciences et Belles-Lettres.* Année MDC-CLXXIV. Avec l'histoire pour la même année. Berlin, 1776.
- WOLFF, C. *Einleitende Abhandlung über Philosophie im allgemeinen (Discursus Praeliminaris de Philosophia in Genere).* Übersetzt, eingeleitet und herausgegeben von Günter Gawlick und Lothar Kreimendahl. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Helzboog, 2006.
- ZELLE, C. 'Vernünftige Ärzte'. *Hallesche Psychomediziner und die Anfänge der Anthropologie in der deutschsprachigen Frühaufklärung.* Tübingen: Niemeyer, 2001.